

O risco de não gerenciar riscos

Quando engenheiros projetam pontes, médicos realizam cirurgias, empresas operam aeroportos, empresários abrem seus negócios ou até mesmo quando uma pessoa vai ao supermercado fazer uma simples compra, o risco é algo existente, mesmo que nem sempre visível. É fato: o risco, de alguma forma, pode ali estar presente, pois é algo inerente a qualquer atividade ou ação, podendo impactar na vida pessoal ou profissional, de um ou de vários indivíduos.

Não poderia ser diferente quando se trata de projetos, obras, indústrias e empresas, independentemente de seu porte e tamanho. Todo o tempo, as pessoas são desafiadas a desempenhar suas atividades, ao mesmo tempo que estão expostas a ocorrências de possíveis condições indesejadas.

Riscos existem e não devem ser negligenciados, muito menos encarados como algo tão temível ou uma barreira intransponível. Pelo contrário. Mitigar riscos e administrá-los pode ser um sinônimo de desafio, bem como uma oportunidade para transformar e adequar algo, de forma que se torne melhor, mais eficaz, favorável e seguro. É neste ponto que entra em ação o conceito de aplicação da Gestão de Riscos – a GR.

Seja qual for a atividade envolvida, para que seja possível mitigar riscos, primeiramente deve-se conhecer minuciosamente o contexto ao qual o risco está inserido. É fundamental analisar todas as variáveis que possam apresentar eventual impacto, passando então a mitigá-las da maneira mais adequada possível.

Com todo avanço tecnológico e, principalmente, com a evolução das boas práticas de gestão, muitas das empresas de grande porte, sejam nacionais ou multinacionais, já possuem consolidada a imagem de um *Risk Manager*. Muitas vezes tal posição se faz presente por questões de *compliance*. Há uma preocupação cada vez maior em relação às práticas de GR. Nos últimos anos, é notável uma significativa evolução neste segmento, resultado que espelha a tendência de globalização.

Atualmente, percebe-se que mesmo empresas de menores portes estão despertando para a cultura da proteção. Contudo, indubitavelmente, ainda há um longo caminho a ser percorrido. Muitas vezes, independentemente do tamanho da empresa ou porte do projeto, a aplicação de uma gestão de risco adequada é encarada como um custo e não como um investimento.

Um estudo encomendado pela RIMS¹ revelou que até 2015, o Brasil estava abaixo da média da América Latina na implementação de programas de GR nas empresas. Na época, 79% das empresas brasileiras analisadas não tinham um mapa de riscos estratégicos, contra 51% da média latino-americana. Apenas 17% das empresas brasileiras afirmaram que a política de GR estava totalmente implementada no interior da empresa, contra 21% em que a GR ainda não foi sequer elaborada. Seis entre dez empresas brasileiras disseram ter um responsável pela área de gestão de riscos, contra uma média latino-americana de 77%.

Neste mesmo ano de divulgação da pesquisa, houve o trágico caso amplamente noticiado do rompimento das usinas de rejeitos industriais de uma grande empresa, trazendo à tona a fragilidade de políticas mais firmes voltadas à gestão de risco, *compliance* e gestão de crises prioritariamente no cenário nacional. Uma das

¹ Fundada em 1950, a RIMS, the risk management society, é uma organização global sem fins lucrativos que representa mais de 3.500 entidades industriais, de serviços e governamentais em todo o mundo.

conclusões deste referido estudo foi a de que a GR, infelizmente, ainda está mais desenvolvida no papel do que no dia a dia operacional das empresas.

Uma Gestão de Risco adequada pode ser alcançada através de uma série de esforços multidisciplinares, que vislumbram um conjunto de atividades coordenadas com o objetivo de gerenciar e controlar potenciais ameaças, lembrando que nunca se deve achar que se está preparado para tudo: há sempre o que ser mitigado, ajustado e melhorado. Isso implica no planejamento e uso dos recursos humanos e de materiais, além de boas práticas de gestão, para minimizar os riscos ou tratá-los. Mas, para funcionar de fato, a GR precisa estar no cerne da cultura organizacional, com efetiva aderência de todos – desde a diretoria e a alta gerência até cada um dos colaboradores envolvidos – fazendo parte da rotina da empresa, independentemente de seu porte, assim como a adequada previsão de investimento voltado para GR no orçamento geral.

Como já enfatizado, muitas pessoas podem até imaginar que os riscos existem apenas em grandes operações, na construção de uma ponte, em uma planta industrial, usina hidrelétrica ou indústria química. Mas, como se pode observar nos exemplos a seguir, os riscos também estão presentes no dia a dia, no cotidiano, em um simples passeio de barco ou em uma corriqueira ida ao supermercado.

Explosão em Beirute

No dia 4 de agosto de 2020, em poucos segundos, 40% da cidade de Beirute voou pelos ares. Uma explosão no porto da capital libanesa deixou uma onda de destruição comparável às mazelas causadas por uma guerra civil que durou 15 longos anos.

Hospitais superlotados e sem recursos receberam as vítimas da explosão e o governo libanês admitiu a falta de meios para enfrentar a catástrofe, que deixou pelo menos 145 mortos e mais de 5 mil feridos. Bairros inteiros foram devastados, três hospitais foram completamente destruídos, além de milhares de prédios residenciais e comerciais. Mais de 300 mil pessoas perderam suas casas nas explosões.

Há indicações de que um silo com 2.750 toneladas de nitrato de amônio tenha explodido em um armazém da região portuária. Segundo as autoridades alfandegarias de Beirute, o material químico, composto usado como fertilizante, passou seis anos guardado no porto, sem qualquer cuidado de armazenamento que requer um material desta natureza.

Incêndio em Supermercado

Um incêndio de grandes proporções atingiu um supermercado na cidade de Campo Grande, na tarde de domingo do dia 13 de setembro de 2020. Em nota, o supermercado informou que a brigada de incêndio da unidade atuou imediatamente para esvaziar a loja e que ninguém ficou ferido.

Segundo o Corpo de Bombeiros, várias equipes foram empenhadas no combate ao incêndio, inicialmente com apoio de um caminhão tanque com 10 mil litros de água. Unidades de combate a incêndio da Infraero e da Águas Guariroba deram apoio aos bombeiros no local. A efetiva causa desta ocorrência ainda não foi divulgada.

Desabamento em supermercado

No dia 2 de outubro de 2020, ocorreu um desabamento de prateleiras de armazenamento e exposição de mercadorias em um supermercado localizado na cidade de São Luís. Infelizmente, uma pessoa morreu e outras foram gravemente feridas, segundo relato do Corpo de Bombeiros. Alguns vídeos foram divulgados nas

redes sociais, mostrando as estruturas metálicas caindo em uma espécie de efeito dominó. No momento do acidente, havia uma movimentação intensa de pessoas no supermercado.

A fase de investigação sobre os reais motivos que levaram a ocorrência deste Sinistro ainda está em curso.

Incêndio em hospital federal

Em 27 de outubro de 2020 ocorreu um trágico incêndio em um hospital federal, na Zona Norte do Rio de Janeiro. A maior parte das pessoas que estavam internadas tiveram que ser transferidas, às pressas, para outros locais – incluindo para uma quadra de esportes e uma oficina mecânica. Até o dia 3 de novembro, os registros oficiais apontavam a morte de oito pessoas, em função do incêndio.

Conforme divulgado na mídia, há relatos preliminares que apontaram que o fogo se iniciou no subsolo da edificação, em área utilizada como almoxarifado. Contudo, chamou a atenção o fato de que o local não possuía a certificação de aprovação, validada pelo Corpo de Bombeiros.

Todos os quatro fatos citados acima são casos que ocorreram recentemente e ainda são bastante lembrados pela maioria das pessoas. Contudo, nenhum destes acontecimentos foram inéditos. Tampouco, dificilmente não se repetirão em outros lugares. O intuito aqui tratado não é apurar as causas de tais ocorrências, mesmo por que isto está sendo conduzido por quem de dever. Tampouco é apresentar culpados. O cerne da questão é demonstrar a importância de que uma efetiva mitigação de riscos pode ser decisiva e determinante num momento mais crítico.

Inexiste qualquer garantia de que uma Gestão de Risco bem desenvolvida possa eliminar por completo a ocorrência de um evento indesejável. Isto jamais poderá ser entendido como verdade absoluta. No entanto, uma GR adequada possui o papel importantíssimo de aportar conhecimento e qualidade ao que se pretende proteger, fornecendo os necessários insumos nos quais possibilitarão prever possíveis situações adversas, resultando em formas de se tentar controlar e mitigar riscos. São nos momentos decisivos que uma GR faz toda a diferença.

A Gestão de Riscos é algo ao qual deve se pautar em probabilidades de ocorrências, inclusive absorvendo para si experiências de eventos passados, sejam eles positivos ou negativos. Riscos devem ser mitigados com base em um conhecimento sólido, consistente e reconhecido. Para tanto, existe uma infinidade de normatizações técnicas nacionais e internacionais, estudos técnicos, e referências de boas práticas que, inclusive, passam constantemente por revisões e aperfeiçoamentos.

Com o advento da tecnologia e o avanço da matéria, Riscos podem (e devem) ser previstos, controlados e minimizados. Um depósito de produtos potencialmente perigosos demandam por atenção e cuidado em seus armazenamentos; equipamentos protecionais contra incêndio exigem manutenção e os responsáveis por tais operações necessitam de treinamento recorrente; estruturas e edificações devem ser devidamente dimensionadas e erigidas por profissionais habilitados, bem como promovidas manutenções necessárias para garantir o bom estado de conservação ao longo de toda vida útil destes elementos; falhas, deficiências e debilidades não devem, de forma alguma, ser negligenciadas ou postergadas para receber as devidas soluções. Estes são alguns exemplos de situações nas quais a atuação de uma Gestão de Risco obrigatoriamente se faz presente.

Não se deve entender que o papel de uma mitigação se finda ao garantir que todas as premissas técnicas, normas regulamentadoras do Ministério do Trabalho ou até mesmo diretrizes do Corpo de Bombeiros estejam cumpridas. Pelo contrário. A GR é um processo que nunca se acaba. Deve, obrigatoriamente, ser algo contínuo e permanente, que está no dia a dia das operações de uma empresa ou de qualquer atividade. Torna-se um ciclo que demanda por constantemente revisitação, monitoramento e aperfeiçoamento. O ambiente tecnológico evolui e traz novas ferramentas; os negócios mudam e com a mudança podem-se agregar novos processos; nosso dia a dia e a maneira de viver se altera, com isto são experimentados outros cenários e novos riscos.

Portanto, é preciso estar atento para mitigar os possíveis riscos, sejam eles novos ou velhos conhecidos. O fato é que estes não devem ser subestimados, muito menos esquecidos. Riscos existem e devem ser encerrados. O papel da Gestão de Risco deve ser a de uma ferramenta atuante, ativa e atenta aos acontecimentos. Deve sempre estar pronta para agir, antes mesmo de que a ameaça se mostre presente.